

A cruz que alumeia o mundo: narrativas memoráveis sobre os penitentes e a devoção à Cruz da Rufina, no sul do Ceará.

La cruz que ilumina el mundo: narrativas memorables sobre los penitentes y la devoción a la Cruz de la Rufina en el sur de Ceará.

Cícero Joaquim dos Santos*

Resumo: Este artigo problematiza a relação entre as práticas dos penitentes e a construção das memórias sobre a devoção à Santa Cruz da Rufina, no Sul do Ceará. Um monumento foi erguido em homenagem ao padecimento trágico da Rufina, possivelmente ocorrido entre os fins do século XIX e o limiar do século XX. Tomando como núcleo da investigação as narrativas orais dos devotos desse espaço sagrado, a pesquisa abarca o universo fúnebre e devocional dos narradores, apresentando os passos palmilhados pelos penitentes e as escutas sensíveis dos devotos.

Palavras-Chave: Memória. Penitente. Morte.

Resumen: En este artículo se analiza la relación entre las prácticas de los penitentes y la construcción de memorias sobre la devoción a la Santa Cruz de la Rufina en el sur de Ceará. Uno monumento fue erigido en honor de los trágicos sufrimientos de Rufina, posiblemente se produjo entre finales del siglo XIX y los albores del siglo XX. Tomando como base de la investigación las narraciones orales de los devotos de este espacio sagrado, la encuesta cubre el universo fúnebre y de devoción de los narradores, que muestra los pasos recorridos por los penitentes y la escucha sensible de los devotos.

Palabras-Clave: Memoria. Penitente. Muerte.

Introdução

No Sul do Ceará, a tradição oral da morte da Rufina é marcante entre os fiéis que cultuam a Santa Cruz, erguida no espaço do seu martírio, na zona rural do

* Professor do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA). Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisador do Laboratório de Imagem, História e Memória (LABIHM/URCA). E-mail: cjoaquims@yahoo.com.br. Este texto é um fragmento da dissertação de mestrado intitulada *No entremeio dos mundos: Tessituras da morte da Rufina na tradição oral*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS/UECE), em 2009, sob a orientação do prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá. A pesquisa foi desenvolvida com o financiamento da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

município de Porteiras.¹ Nas narrativas dos idosos do lugar, a personagem é representada como uma jovem muito bela que, por possuir um relacionamento amoroso com um coronel de prestígio político e econômico na região, fora assassinada a facadas, a mando da esposa traída. Tal evento teria ocorrido, por volta dos fins do século XIX e início do século XX, em uma vereda que cortava uma mata selvagem (SANTOS, 2006). Desde então, o espaço do padecimento trágico foi consagrado, tornando-se um lugar de oração e amparo daqueles que passaram a cultuar a memória da vítima.

Nos limites do presente artigo apresentaremos uma reflexão sobre as memórias relacionadas às práticas dos penitentes no espaço sagrado da Cruz da Rufina, (re)construídas a partir da tradição oral dos devotos. Nesse direcionamento, daremos ênfase às sensibilidades dos narradores, sobretudo no que concernem os momentos de escuta das orações cantaroladas pelos religiosos durante os percursos palmilhados na direção da Santa Cruz.

Nos rastros dos penitentes: Cultura escrita e tradição oral

O sentido da penitência do homem cristão para com o sagrado possui razões complexas, profundas e arraigadas no cerne do Cristianismo, no qual o sofrer assume um papel de redenção e alívio do espírito, pois os escritos considerados sagrados pela doutrina apontam que o Deus Filho se entregou ao sofrimento, provocado pelos homens na terra, para amenizar os pecados do mundo e salvar a humanidade do mal. “O evento começou com o sofrimento de Jesus, e quem começou foi o mestre com seus discípulos”, afirmou o penitente Francisco Ventura da Silva, pertencente ao grupo existente na cidade de Porteiras.²

No interior do Nordeste brasileiro, as Santas Missões possuíram um papel social de destaque para a construção desse entendimento. Os ensinamentos dos

¹ A criação do distrito de Porteiras data de 9 de agosto de 1858, no termo da vila de Jardim. Sua emancipação política ocorreu em 1889, desmembrada do município de Santo Antônio do Jardim. Ver em Pinheiro (1963).

² Ver no *Mapeamento das expressões Culturais de Porteiras*, 2006, p. 15. (mimeo). Recentemente, o grupo de penitentes liderado por Francisco Ventura foi destaque no *Jornal Diário do Nordeste*, Fortaleza, 8 de março de 2010, p.27. É válido ressaltar que o grupo de penitentes que cultuava a Cruz da Rufina já não existe, em virtude do falecimento dos seus membros, portanto, não é o mesmo do mencionado no Jornal e na fala citada. Sobre os ensinamentos cristãos relacionados ao sofrimento, ver também na Bíblia Sagrada. No que toca à atuação dos grupos de penitentes, em Porteiras, ver Santos (2006b).

missionários associavam claramente o sentido do sofrer à purificação do espírito, como forma de possuírem um lugar no mundo celeste. Desse modo, a vida terrena era entendida como um purgatório. Nela deveriam ser pagos os pecados da carne. Assim sendo, “a penitência seria o melhor caminho para a purgação do espírito pecador” (RAMOS, 1998, p. 32).³

Dentre outras formas, esse modo de viver e sofrer no mundo era vivenciado pelos grupos de penitentes (CASCUDO, 2002). Esses grupos de rezadores, fazendo procissões pelas madrugadas em direção aos espaços fúnebres e sagrados, como cruzeiros, igrejas e cemitérios, entoando canções mortuárias e se autoflagelando, vivenciavam práticas que, nos séculos passados, eram estimuladas por clérigos e confrarias vinculadas à Hierarquia Eclesiástica Católica.

Seguindo os ensinamentos das tradições fúnebres, esses sujeitos reproduziam as sensibilidades dos sentidos sobre o corpo e o imaginário penitencial relacionado às práticas de evocação e rememoração dos mortos. O registro de Cascudo (2002), referente ao século XX, elucida claramente algumas de suas peculiaridades: a organização dos grupos e suas performances, as trajetórias das procissões, as vestes utilizadas, os dias sagrados para a autoflagelação e a presença preponderante da figura masculina, além de deixar bastante evidente o sofrer dos seus corpos:

É uma romaria constituída exclusivamente por homens, com túnicas longas, envoltos em lençóis ou seminus, partindo do cemitério ao cruzeiro diante da Igreja, cantando e flagelando-se até o sangue, desde a meia-noite da Sexta-Feira da Paixão. Todas as residências cerram portas e janelas, apagando as luzes, e a curiosidade é refreada pela intimidação e receio sobrenatural. Não deve ter assistência sem solidariedade penitencial. (CASCUDO, 2002, p. 381).

No Sul do Ceará, principalmente no recorte temporal do século XIX, a atuação de grupos de penitentes era relevante dentre as práticas de intimidade fúnebre. No Cariri, eles possuíam um aspecto bastante peculiar, pois estavam comumente associados a outras práticas sociais que revelavam as relações de intimidade entre os mortos e os vivos, consequência da formação do imaginário social

³ É importante destacar que o princípio da penitência foi historicamente construído no seio da Igreja Católica. Ou seja, a penitência enquanto prática religiosa não foi estimulada por grupos isolados ou espacialmente localizados. Na verdade, tal ação era estimulada pela própria igreja, desde sua origem.

sobre a morte e do despertar das sensibilidades para com a lembrança da alma de quem partiu. Tais práticas adentraram o Cariri do século XX (PINHEIRO, 1950; FIGUEIREDO FILHO, 1960; SANTOS, 2006).

Nesse contexto, Riedl (2002) destaca a peculiaridade da rememoração dos mortos no Cariri. A presença de irmandades de penitentes e outras agregações religiosas, como é o caso das “incelências”, mulheres que cantam para os mortos⁴, além da pompa que envolve a comemoração ao dia de finados, em Juazeiro do Norte, em homenagem à morte do Pe. Cícero Romão, desde o ano 1934, elucidam o alcance do imaginário e a força da tradição mortuária e penitencial no Cariri.

Em Porteiras, não temos indícios temporais sobre o surgimento das práticas de penitência. Acreditamos que a atuação de grupos de penitentes possui raízes sócio-culturais diversas, por ter sido, nos séculos XVIII e XIX, um ponto de passagem de viajantes entre as províncias do Ceará e Pernambuco. Porteiras foi marcada pelo processo de formação sócio-religiosa, na qual a presença de missionários e a existência de confrarias religiosas tiveram grande relevância, como é o caso da passagem do Padre Ibiapina, em meados do século XIX, e a existência das confrarias de Nossa Senhora da Conceição, na antiga Vila de Porteiras, onde se ergueu a atual cidade, e de São Vicente de Paula, no Sítio Saquinho, um dos primeiros vilarejos do município.⁵

Eduardo Hoornaert reforça a concepção que apresenta a forte tradição capuchinha no Cariri, na qual o misticismo profético anunciava o fim dos tempos, sendo este um dos motivos que levava os religiosos à autopenitência. Seus estudos, porém, sobre o Pe. Ibiapina, apresentam a substituição operada pelo peregrino missionário “do misticismo das profecias assombradas pelo realismo da caridade prática” (HOORNAERT, 2006, p. 31). Assim, o lema “Nada faltará” permeava suas atitudes. A mensagem era de ternura e sensibilidade. Nas pregações religiosas em Porteiras, vemos que contribuiu para o despertar das sensibilidades e das práticas de caridade. Todavia, também deixou ensinamentos à formação do imaginário penitencial.

⁴ As “incelências ou excelências” eram canções entoadas à cabeça do morto ou moribundo para facilitar a entrada da sua alma no Paraíso. No Cariri cearense, as próprias mulheres que ainda executam essas canções passaram a ser identificadas como “incelências”.

⁵ Um dos poucos registros que encontramos alusivos a esse cenário é o escrito “*A Missão das Bananeiras no ano de 1863*”, documento que elucidam a passagem do Pe. Ibiapina em Porteiras no ano 1864, ver em Hoornaert (2006), e a Ata da Confraria de São Vicente de Paula (1912 a 1924). Acervo da Casa da Memória de Porteiras.

Os sermões com discursos que tocavam as sensibilidades dos ouvintes levavam os fiéis a confessarem seus pecados e a encontrar, no tribunal da penitência, a forma de redimir suas culpas. Nesse sentido, podemos inferir, ainda, que o trabalho em mutirão era uma das formas de buscar o alívio desejado. Talvez isso demonstre a rápida construção material que a população, em apenas 18 dias, erigiu: um reservatório de água, um cemitério e deu continuidade à capela para Nossa Senhora da Conceição que, posteriormente, deu lugar à Igreja Matriz. Além disso, segundo Sadoc (1996), as vigílias de penitência eram frequentes, durante a permanência daquele missionário em Porteiras. Ele também teria realizado pregações, sermões emotivos e obras materiais, nas localidades próximas, fator relevante na construção e difusão do imaginário penitencial.⁶

Percebemos que em Porteiras a presença dos penitentes é notória. Eles continuam percorrendo os espaços sagrados e os monumentos fúnebres, nas datas sagradas do Catolicismo (SANTOS, 2006b). No entanto, não temos indícios sobre a continuidade do ritual de autoflagelação. Sobre ele recaiu a prudência do silêncio.

Rememorando as palavras de Cascudo (2002), é notório o pudor com o qual a população se relacionava com esses religiosos, em especial nos momentos de orações, nas procissões e nas ocasiões de autoflagelação. No cerne do convívio social, essas práticas eram invisíveis. Sobre elas pairava um silêncio. Havia, portanto, um estado de autopreservação, o que denota uma prática que envolvia a intimidade religiosa do grupo.

Dessa maneira, a população não deveria esnoabar e tampouco acompanhar ou presenciar os rituais. Assim sendo, quando de suas passagens, deveria fechar as janelas e apagar as luzes, como forma de se preservar. Todavia, o medo das vozes que ecoavam e o receio do sobrenatural eram relevantes. Semelhante à narrativa poética citada anteriormente, na qual o som das vozes era primordial para identificar os penitentes, entre os devotos da Santa Cruz da Rufina era o som que ecoava, nas madrugadas, que fazia rememorar as trajetórias dos penitentes em sua direção.

Na direção da Santa Cruz: Memórias e sensibilidades da escuta

⁶ Não sabemos ao certo se foi a partir da passagem do Pe. Ibiapina que surgiram os grupos de penitentes em Porteiras. Acreditamos que os mesmos já existiam em outrora, por intermédio da presença capuchinha e das confrarias religiosas supracitadas.

Entre os narradores devotos da Cruz da Rufina, a atuação de penitentes é abordada associada aos sentimentos que afloravam as sensibilidades da escuta. Isso contribuía para recobri-la de valor e anunciar a inexorável relação entre a alma da Rufina, reverenciada pelos penitentes, e as orações dos devotos da Santa Cruz. Vejamos a narrativa de Dona Maria de Jesus, ao recordar as passagens dos penitentes pelas proximidades da antiga residência dos seus pais, no Sítio Besouro:

Os penitentes ia fazer promessa e ia pagar lá na Cruz da Rufina. A gente ouvia mais era quando eles passava cantano, de longe a gente ouvia. Aí já sabia. Às vezes eles avisava também e outras vezes eles num avisavam não. Mas de longe a pessoa quando presentia... meu pai mesmo dizia: - mãezinha, hoje eu vou mais os penitentes, eu vou andar. Com a voz deles de longe, lá longe. Aí ele já ficava na espera. E assim quando chegava era aquela turma de gente, aí seguia tudo cantano. Era pra Cruz da Rufina.⁷

Essa narrativa leva-nos a ponderar sobre a reconstrução dos eventos passados através da escuta. Como o sensorial e o semântico interligam-se na memória, os eventos rememorados, a partir das sensibilidades, refletem a elaboração de conceitos. Dessa forma, o despertar para a lembrança leva a construção de imagens que, de certa maneira, são associadas a outros conceitos, na memória social, viabilizados através da percepção (FENTRESS; WICKHAM, 1992). Dessa forma, como demonstra a narradora, o fato de ouvir as vozes distanciadas demonstrava que os penitentes por ali iriam passar e, de igual modo, revelava sua direção ao espaço sagrado da Santa Cruz da Rufina.

Nesse sentido, o elo estabelecido entre o som que ecoava da tradição oral dos penitentes e seus sentidos práticos revelam chaves mnemônicas, elementos que, ao serem percebidos, logo despertavam as atenções dos devotos. Portanto, a imagem guardada, enquanto um conceito e reconstruída na memória social sobre os penitentes, possui relevância simbólica, no tocante às práticas de rememoração da triste morte da Rufina. São assim memórias do som. Conforme alguns devotos, os versos entoados nos cortejos dos penitentes foram rememorados, entre o esforço da voz e o choro da saudade:

Na quinta-feira, Jesus com seus discípulos,

⁷ Narrativa de Maria de Jesus dos Santos. 62 anos. Agricultora. Entrevista realizada em maio de 2005.

Foi de oliveira foi a Jerusalém,
E na tarde Jesus com seus discípulos,
Mais padecer a favor de nosso bem

Jesus encontrou Simão e Sirineu,
E Jesus disse: ajudai-me aqui Simão,
A levar esse madeiro pesado,
Que já me fez desmaiar meu coração.⁸

Sobre as canções que eram entoadas, durante as procissões, podemos inferir que a tonalidade da voz eminente criava vínculos de identificação entre os moradores das comunidades próximas. Dessa forma, embora apenas alguns devotos acompanhassem ou direcionassem seus olhares para o cortejo do grupo, os penitentes eram identificados pelo timbre de suas vozes. A narrativa de Maria de Elóia é bastante elucidativa da construção das memórias provocadas pelas canções melosas dos religiosos. Quando mais jovem, ao casar-se e mudar-se para o Sítio Caracuí, a narradora seguia os passos dos penitentes juntamente com seu marido. Por possuir um timbre bastante delicado, semelhante à voz de uma criança, sua entonação chamava atenção dos moradores das áreas circunvizinhas, pois não reconheciam a quem pertencia aquela voz que se diferenciava das demais. Vejamos sua narrativa:

Quando eu vim morar aqui, que eu me casei, passava os penitentes nessa estrada. Antigamente aqui ninguém abria uma porta pros penitentes beber uma água. E eu tinha o jeito de minha mãe. Minha mãe fazia assim: abria as portas. Os penitentes iam tomar água. Ali dava café. Eu ia até lá na casa do meu pai. Aí de lá meu marido ia lá pra Cruz. Eu nunca fui até na Cruz não. Eu ia até na casa do meu pai. Quando era no outro dia o povo dizia: - tinha uma voz fina de uma criança. Aí eu digo: - de uma criança? Era eu (risos).⁹

Além das memórias reconstruídas, através do som da voz cantarolada, a narrativa provoca, a princípio, o entendimento de um ato de transgressão: o abrir as portas de casa. A narradora cita a perspectiva já abordada por Cascudo (2002): as portas e janelas não deveriam ser abertas, quando das passagens dos penitentes. Entretanto, ela provoca uma nova reflexão, ao anunciar que, desafiando os sentidos da tradição, variadas vezes abria as portas de sua casa, para receber os penitentes e

⁸ Canção entoada por Ana Rosa de Jesus Neto. 66 anos. Agricultora. Registrada em abril de 2009.

⁹ Narrativa de Maria Francisca da Cruz. 70 anos. Agricultora. Entrevista realizada em julho de 2007.

oferecer-lhes água, quando transitavam, do mesmo modo que sua mãe fazia. Acreditamos que o ato tenha plausibilidade, em dois suportes de compreensão.

Primeiro, pelo próprio aspecto dinâmico da tradição. Ou seja, por mais que as práticas recobertas pela inteligibilidade da tradição sejam marcadas pela repetição de eventos do passado, elas também resultam em transformações, de acordo com as circunstâncias de cada momento vivenciado no presente. No tocante aos grupos de penitentes, podemos rememorar a própria incorporação de mulheres. Logo, desde seu surgimento no Nordeste, tradicionalmente apenas os homens tinham o poder e a aceitação para participar dos rituais.

Riedl (2002) elucida que no Cariri a presença feminina nos grupos de penitentes já anunciava sua peculiaridade na região, no século XX. Da mesma forma, a narrativa de Francisco Ventura, membro do grupo de Porteiras, demonstra esse entendimento: “E o ideal é de doze homens, pois mulher não podia participar porque era lei do grupo, mas hoje mudou, pois as mulheres também pode participar”.¹⁰ Portanto, a incorporação assume a dinâmica da tradição, ou melhor, sua permanência. Desse modo, repetição e (re)invenção são seus pilares, suportes de sustentação e permanência. Logo, a mudança também ancora a continuidade da tradição oral (ALBERTI, 2005; CRUIKSHANK, 2006).

Segundo, acreditamos que, pelo fato de também pertencer ou pelo menos acompanhar os penitentes, em algumas de suas trajetórias, e, por conseguinte, já se sentir parte do cortejo, Maria de Elóia considerava-se diferente dos outros ouvintes. Logo, teria o direito de abrir sua casa para recepcioná-los.

Um outro ato de transgressão também fica evidente na narrativa de Maria de Jesus. Ela apresenta a única ocasião em que chegou, quando jovem, a presenciar os penitentes entoando suas orações. Foi quando sua mãe realizara uma promessa, durante um período de lastimável seca. O merecimento da graça, a chuva em abundância, levou-a a solicitar ao grupo de penitentes mais próximo, localizado no Sítio Sabão, a visitar sua residência. A ocasião foi narrada como um grande momento, registrado nas memórias:

Não, só uma vez que teve. Foi um ano atravessado, de um ano pro outro e seca num sabe. Foi um tempo quente, as coisas tudo difícil. De

¹⁰ Narrativa do penitente Francisco Ventura da Silva, ver no Mapeamento das Expressões Culturais de Porteiras, 2006, p. 15. (Mimeo).

noite o gado chorando, urrando com fome porque num tinha um pasto pra comer. Aí mãe.. deu um sintido. Ela teve um sintido na cabeça. Ela pensou isso, de chamar os penitentes. Ela se pegou com um santo e esse santo protegeu ela. Ela foi bem atendida: pra se chover logo, logo, chovesse pra criar pasto pros bichos brutos que tava passando muita necessidade e estava sujeito os bichim tudo morrer. O pessoal ainda tinha jeito de caçar alimentação, e os bichim bruto, ia fazer o quê? Que num tinha alimentação pra eles. Aí de certo que choveu. No primeiro dia não choveu. No outro dia choveu muito, muito, muito. E ela num deu distância pra chamar os penitentes. (...) quando choveu muito, muito, muito de um dia pro outro. Aí ela foi. A tardizinha começou uma preparação de chuva, pouquinho num sabe. Aí as quatro horas aí ela foi. Deu jantar a nós tudim, ainda hoje eu lembro. Quando acabou tirou em caminho do baixio. Sabão, a gente atravessava o baixio todinho. E ela seguiu essa viagem. Antes de chegar lá começou a chover. Uma chuva, chuva, chuva, chuva. Aí antes da enchente vir ela atravessou o riacho. Minha mãe era corajuda. Quando ela atravessou o riacho a pancada da água chegou e foi passando. Aí ela caminhou pra casa do finado Manoel Lúcio. Aí quando chegou lá. O finado Manoel Lúcio tratava todo mundo por cumpade e pro cumade. Aí: - que é isso cumade, que é isso cumade, o que tá acontecendo, que vem chegar aqui uma hora dessa? (...) Aí ela falou que tinha feito uma promessa, que tinha se apegado, ela disse até a santa, e as coisas mudou tanto. – então cumpade eu vim avisar ao senhor fazer uma visita lá em casa, dos penitentes, juntar a turminha dos penitentes, quem puder ir, faça uma visita lá em casa, que foi um pedido que fiz pro santo e fui atendida. – tá certo, quando for sexta-feira nós vamos. Quando foi na sexta-feira eles encostaro. Onze horas da noite. Muita gente. Ainda hoje eu lembro. Mãe fez uma panela de macaxeira cuzinhada, fez uma panela de milho cuzinhado, fez uma panela da pamonha cuzinhada. E ela fez aquilo tudo, e muita gente. Eles chegaro lá em casa de base de uma hora pras duas. E quando vieram sair, quatro horas da madrugada. A gente vendo mesmo o dia já tava perto de amanhecer. Aí saiu aquela turma de gente.¹¹

A riqueza de detalhes presentes no ato narrativo demonstra a importância que o evento tomou, nas memórias afetivas da narradora, em especial porque rememora momentos que vivenciou com sua mãe, já falecida. Essa afetividade que recobre a aproximação com os penitentes, quando se dirigiam à Santa Cruz, também está presente noutras narrativas dos devotos, especialmente quando associadas aos caminhos palmilhados por eles.

A estrada que os penitentes passava ficava perto lá de casa. Eles vinham do Sabão e passava no caminho que tinha: era um corredor. Tanto era o corredor que tinha por trás da casa de Pedro Antônio, que é meu padrinho. E aquele caminho trevessava pra estrada. Era um

¹¹ Narrativa de Maria de Jesus dos Santos. 62 anos. Agricultora. Entrevista realizada em maio de 2005.

corredor, era uma trivissia. Então, eles saiam lá do Sabão, das casas deles pelas aquelas estradas do Sabão. O Sabão é um sítio, um povoado. Eles saia cantando, tudo trajado com as roupas dos penitentes, e outros com os panos na cabeça. O decurião era o finado Mané Lúcio. Portanto que ele morreu há pouco tempo. Muitas e muitas vezes pai acompanhava. Aí seguia aquela viagem, tudo cantano. Agora que num dava pra gente ouvir a voz deles de lá não [da Cruz da Rufina], porque já era longe. A gente ouvia mais era quando eles passava cantano.¹²

Nesta narratividade, percebemos a transcendência das memórias dos sons das vozes que ecoavam para a rememoração dos itinerários dos penitentes. Nesse caso, se o sentido auditivo não identificasse mais as orações cantaroladas, em decorrência da distância já percorrida, a rememoração da presença era estabelecida, através da sintaxe espacial: os relatos dos percursos.

Consoante Certeau (2007), estas narrativas, entendidas enquanto atos de enunciação, fazem emanar a transcendência dos sentidos: dos lugares de localizações a espaços culturalmente praticados, e, dessa forma, significativos para seus transeuntes. Desse modo, tais práticas são compreendidas como ações espacializantes, isto é, os narradores fornecem detalhes dos caminhos traçados, indicando trajetórias para reluzir um espaço. Nesse sentido, as narrativas dos percursos contribuem para organizar as caminhadas, pois “fazem a viagem antes, ou enquanto os pés a executam” (CERTEAU, 2007, p. 200).

Nas narrativas, vemos uma organização entrecruzada de percursos. Desse modo, suscita rememorações de veredas percorridas constantemente. De igual modo, indicam localidades conhecidas como pontos de referências da trajetória. Esta imaginável (re)elaboração da memória demonstra a idiosincrasia das palavras: sua maneira própria de ver e reproduzir as narrativas que indicam os passos dos penitentes. Portanto, o mesmo som que anunciava a passagem destes anunciava também os percursos percorridos. Logo, eles foram estabelecidos entre os sons e as trajetórias. Nesse modo de compreensão, tais categorias estão imbricadas em relações de sentidos, pois um fazia reluzir o outro.

Nessa conjuntura, as trajetórias imagéticas possuem códigos e representações de comportamentos, como as travessias abordadas, as posturas e ações dos penitentes evidenciadas. Isso revela que os caminhos próximos e presentes no cotidiano dos narradores eram trilhados como espaços reproduzidos na memória,

¹² Narrativa de Maria de Jesus dos Santos. 62 anos. Agricultora. Entrevista realizada em maio de 2005.

além de serem entendidos como elementos de identificação da vivência dos penitentes da região. Compreendemos, assim, uma imortalização de sua presença na Santa Cruz da Rufina, visto que, mesmo quando as vozes eram silenciadas, sua memória era evocada pelo simples olhar para o horizonte das estradas e de suas moradas.

Esta sensibilidade para com os caminhos que circundavam as casas corresponde ainda à intimidade social estabelecida e à força das narrativas ditas. Nesse sentido, alguns pontos no espaço eram tidos como demarcações, elementos possuidores da áurea simbólica capaz de fazer emergir as memórias (CERTEAU, 2007). Representavam elos mnemônicos.

Assim sendo, salientamos que, nas travessias dos penitentes, além de as cruzes, erguidas pelas estradas que eram seguidas, serem recobertas por significados associativos à morte de quem ali tombou, eram também associadas à morte da Rufina, por ter sido essa extremamente sofrida e temida. Dentre as cruzes visitadas pelos penitentes, em suas trajetórias, a Santa Cruz da Rufina era certamente uma demarcação de suas memórias.

Nessa concepção, a narrativa de Francisco José possibilita evidenciarmos ainda mais essa relação de sentido. Seu pai era penitente. Quando criança, a curiosidade presente em seus olhares levava-o a acompanhá-lo, durante as procissões que seguia, visitando as cruzes que as veredas guiavam. Dentre outras, a Cruz da Rufina era um dos suportes materiais do grupo. Lá paravam e oravam. Entre os adultos que seguiam, a curiosidade e inquietude do garoto Francisco era aguçada, o que revela, também, um ato de transgressão da tradição, visto que a participação de crianças nos rituais era vedada:

Essa Cruz da Rufina é muito antiga. Eu sou dessa região e aqui tinha uns tal de penitentes. Já ouvia falar em penitente? E nós fazia parte desse penitente. Eu era menino e meu pai era muito católico e ele tinha esse negócio de rezar penitente. E eu ia com ele. Eu curioso eu ia com ele saber o que era penitente. Aí eles ficava em toda cruz. Toda cruz, à noite. Eles saíam rezando naquelas cruzes. Aí tinha cruz por todo canto aqui. Aí nessa Cruz da Rufina a gente ia também.¹³

¹³ Narrativa de Francisco José Fernandes. 63 anos. Comerciante. Entrevista realizada em julho de 2007.

Entretanto, devemos lançar novos olhares para a perspectiva das demarcações espaciais evidenciadas nas cruzeiras narradas. Transcendendo essa perspectiva, a operação que compreendemos na narratividade demonstra as narrativas orais como operações de demarcação. Desse modo, a própria tessitura da narrativa constitui uma delas.

Considerações finais

Por tudo isso, percebemos que a presença e a atuação dos penitentes de Porteirias na Santa Cruz da Rufina possibilitavam, a partir das sensibilidades da escuta dos devotos, a rememoração da morte da Rufina e do marco espacial do seu padecimento. O valor inestimável do sentimento de familiaridade com os sons entoados pelos penitentes era relevante para tal rememoração. Assim, as vozes que ecoavam despertavam a percepção dos sentidos. Através da escuta, o cortejo logo passava a ser imaginado. Os trajetos que circundavam as residências dos devotos eram, de igual modo, traçados pelos penitentes, que cantarolando suas orações dirigiam-se para o espaço sagrado da Cruz. Desse modo, os percursos também designavam a transmissão das memórias. As orações cantaroladas e as narrativas sobre os percursos tornavam-se ações espacializantes.

Assim, as lembranças dos sons que ecoavam nas madrugadas e as memórias das relações familiares, quando os pais dos narradores acompanhavam os cortejos cantarolados, evidenciam o efeito da rememoração da triste morte da Rufina e seus vínculos com o universo sensível dos devotos. Logo, as memórias das orações entoadas e dos trajetos palmilhados pelos penitentes denotavam também o simbolismo de intimidade dos devotos com a morte, as tradições fúnebres e o mundo dos mortos.

Referências

ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. **Revista História Oral**, v. 8, n. 1, p. 11-28, 2005.

ARAUJO, F. Sadoc de. **Padre Ibiapina**: peregrino da caridade. São Paulo: Paulinas, 1996.

CASCUDO, Luis da Câmara. **Superstição no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Global, 2002.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 13ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da história oral**. 8ª. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 149-164.

FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social**: novas perspectivas sobre o passado. Tradução Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.

FIGUEIREDO FILHO, J. **O folclore no Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1960.

HOORNAERT, Eduardo. **Crônica das casas de caridade**: fundadas pelo Pe. Ibiapina. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

_____. **O Cariri**: seu descobrimento, povoamento, costumes. Fortaleza: S/E, 1950.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTEIRAS. **Mapeamento das expressões culturais de Porteiras**. Porteiras: Departamento Municipal de Cultura e Desporto, 2006.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O verbo encantado**: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

RIEDL, Titus. **Últimas lembranças**: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste brasileiro. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 2002.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **No entremeio dos mundos**: Tessituras da morte da Rufina na tradição oral. 2009. Dissertação. (Mestrado em História) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, 2009.

_____. Cruz da Rufina: o processo de santificação popular de Rufina e a revelação de um espaço sagrado em Porteiras - CE. **Propostas Alternativas**, Fortaleza, n. 14, p.14-21, 2006.

SANTOS, Cícero Joaquim dos; SANTOS, Diego César dos. A presença negra em Porteiras – CE. **Raízes**, Fortaleza, n. 53, p. 4-8, 2006.

Recebido em *Setembro* de 2011
Aprovado em *Fevereiro* de 2012